

A pandemia de Covid-19 e os desafios do ensino remoto

*Derocina Alves Campos Sosa**

Resumo

O artigo a seguir pretende destacar a experiência vivida durante o ano de 2021 com a disciplina de História e Literatura que é ministrada na Universidade Federal do Rio grande- FURG. Naquele ano, vivia-se com muita intensidade a pandemia de Covid-19 que colocou para professores e alunos o desafio de vivenciar aulas em formato remoto. Apresentamos também nesse texto, outras epidemias em outros tempos históricos e como elas atingiram profundamente a população. Ressaltamos na sequência, como a Universidade lidou e formalizou o ensino remoto na graduação através de normativa própria que pretendeu mitigar os danos causados pelo afastamento social. Destacamos ao final a experiência vivida na disciplina História e Literatura em que os alunos apresentaram obras literárias para os demais colegas da turma, identificando as interfaces possíveis entre esses dois campos do conhecimento.

Palavras- chave: Pandemia de Covid-19, ensino remoto, graduação, História, Literatura

The Covid-19 pandemic and the challenges of remote learning

Summary

The following article aims to highlight the experience lived during the year 2021 with the discipline of History and Literature that is taught at the Federal University of Rio Grande - FURG. That year, the Covid-19 pandemic was being experienced with great intensity, which posed the

* Doutora em História pela PUCRS. Professora Titular da área de História do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG. Coordenadora do Centro de ensino e pesquisa em História Social e Cultural (CEPEHSC) e dos projetos: “As interfaces entre a História e a Literatura: a identidade nacional forjada e o Romantismo brasileiro” e o projeto: “ As noções de Tempo e Espaço nas séries iniciais do Ensino Fundamental: construindo identidades com a História e a Geografia”. E-mail: derocinacampos@hotmail.com

challenge of experiencing classes in a remote format for teachers and students. In this text, we also present other epidemics in other historical times and how they deeply affected the population. Next, we highlight how the University dealt with and formalized remote teaching in undergraduate courses through its own regulations that intended to mitigate the damage caused by social distancing. At the end, we highlight the experience lived in the History and Literature discipline in which the students presented literary works to the other classmates, identifying the interfaces between these two fields of knowledge.

Keywords: Covid-19 pandemic, remote teaching, graduation, History, Literature.

Introdução

Quando começou o ano de 2020, as pessoas não imaginavam nem de longe tudo o que iria ser e acontecer naquele ano e no seguinte. Foram tantas e tamanhas as mudanças pelas quais passamos que o mais simples conhecimento que se tivesse há época sobre os efeitos de uma pandemia não seria, como não foi, capaz de dimensionar o que a Educação teria que atravessar.

Estávamos envoltos em decodificar o que significavam aquelas palavras que, mesmo já conhecidas, entravam com muita força no nosso vocabulário. Fomos apresentados ao Coronavírus como mais um vírus pelo qual a humanidade teria que conviver e, dado o desconhecimento de vários elementos associados a ele naquele momento e da ausência de vacinas que pudessem combatê-lo, fomos absorvendo com mais intensidade a palavra epidemia que logo em seguida foi escalando em gravidade até chegarmos à palavra pandemia¹.

¹ Pandemia é uma designação usada para referir-se a uma doença que se espalhou por várias partes do mundo de maneira simultânea, havendo uma transmissão sustentada dela. Isso quer dizer que, em vários países e continentes, essa mesma doença está afetando a população, a qual está infectando-se por meio de outras pessoas que vivem na mesma região. A Organização Mundial da saúde designou como pandemia a Covid-19 em março de 2020. Cf. Santos, Vanessa Sardinha dos. Pandemia. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/pandemia.htm#O%20Que%20%C3%89%20Uma%20pandemia?>

A propagação da doença impôs a modificação de hábitos até então comuns como apertos de mãos e abraços isso porque, o distanciamento foi necessário diante do quadro que se agravava. Assim os novos hábitos e o distanciamento necessário, acabaram por modificar sobremaneira as relações sociais. Existia um inimigo poderoso que espreitava a todos e sobre o qual ainda havia muito desconhecimento. Quando as primeiras notícias chegaram, o que podia ser lido e acompanhado pela imprensa era de uma contaminação que começava na Ásia, mas cujo potencial poderia ficar restrito àquela região. Os primeiros meses de 2020 mostraram o contrário, tamanha foi a velocidade do espalhamento do vírus, que rapidamente tomou conta dos continentes até chegar ao sul da América do Sul e seus países como o Brasil.

A escalada de transmissões e mortes foi crescendo à medida que as pessoas se expunham ao vírus. Particularmente o Brasil vivia à época uma outra epidemia, essa da desinformação propagada por notícias falsas ou fakenews, outra palavra de origem estrangeira que se propagou com muita força no vocabulário dos brasileiros. As informações falsas ou contrainformações rapidamente se espalhavam por grupos de mensagens e incentivavam as pessoas a não se vacinarem. Isso resultou em um preço muito alto em número de mortes, que ultrapassaram 700 mil vidas e em uma quantidade ainda não mensurável de doenças associadas à contaminação pelo vírus, cujas sequelas ainda acompanharão por algum tempo, as pessoas que foram acometidas pela doença da Covid-19.

O Brasil já tinha presenciado em outras épocas históricas crises sanitárias, tão intensas quanto essa, mas dado o tamanho da sua população, também tão graves quanto. Sobre elas vale recordar aqui.

A revolta da Vacina de 1904 e a gripe espanhola de 1918

No início do século XX, o Brasil e mais especificamente o Rio de Janeiro capital da República à época vivia assolado por doenças como febre amarela, peste bubônica e varíola. Condições de

higiene e a presença do mosquito causador da varíola foram fatores que contribuíram para a proliferação dessas doenças. A infestação de ratos, devido às precárias condições de vida dos moradores de baixa renda do Rio de Janeiro, que moravam em habitações precárias, colaborou para o aumento da população de ratos que ocasionou a peste bubônica. Para combater essas doenças, a prefeitura da capital respondeu com medidas drásticas e de caça aos roedores.

Quanto às outras doenças, o combate ao mosquito transmissor foi o caminho encontrado pelo poder público para conter o espalhamento das doenças associadas a ele.

O grande problema que se colocou e rapidamente envolveu a população foi a forma como o governo executou as ações sanitárias. Sem a devida explicação à população sobre a necessidade da vacinação, foi enviado pelo governo ao senado um decreto em 1904 que estabelecia a obrigatoriedade da vacinação de todas as pessoas contra a varíola.

Aqueles primeiros anos de consolidação da República foram diferenciados, porque estiveram marcados também por oposição à nova forma de governo implantada no Brasil. Medidas sanitárias estavam associadas ao projeto de modernização do Rio de Janeiro e isso implicava na demolição de construções, os chamados cortiços² que ocupavam o centro do Rio de Janeiro. Sem o devido esclarecimento da população já atormentada pela destruição de suas casas para seguir o projeto de governo que implicava também no alargamento de ruas e avenidas, a população, estimulada que foi por propagandas contrárias ao projeto de vacinação, se revoltou contra o governo.

Assim, os primeiros dias de novembro de 1904 foram marcados por agitação nas ruas e enfrentamento à política de obrigatoriedade da vacinação pelo governo. Em alusão àqueles dias, podemos ler, no portal da Fiocruz que:

² Para além dos livros de História que retratam essa época, entre eles Bóris Fausto e sua História do Brasil, a Literatura também nos presenteia com uma obra escrita no período da chamada urbanização do rio de Janeiro que implicou na demolição de muitas construções populares. Faço referência aqui à obra O Cortiço de Aluísio de Azevedo.

(...) em 5 de novembro, foi criada a Liga Contra a Vacinação Obrigatória. Cinco dias depois, estudantes aos gritos foram reprimidos pela polícia. No dia 11, já era possível escutar troca de tiros. No dia 12, havia muito mais gente nas ruas e, no dia 13, o caos estava instalado no Rio. “Houve de tudo ontem. Tiros, gritos, vaías, interrupção de trânsito, estabelecimentos e casas de espetáculos fechadas, bondes assaltados e bondes queimados, lampiões quebrados à pedrada, árvores derrubadas, edifícios públicos e particulares deteriorados”, dizia a edição de 14 de novembro de 1904 da Gazeta de Notícias. Tanto tumulto incluía uma rebelião militar. Cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha enfrentaram tropas governamentais na rua da Passagem. O conflito terminou com a fuga dos combatentes de ambas as partes. Do lado popular, os revoltosos que mais resistiram aos batalhões federais ficavam no bairro da Saúde. Eram mais de 2 mil pessoas, mas foram vencidas pela dura repressão do Exército. (<https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-0>)

O saldo desses dias, dão conta de que o enfrentamento resultou em 945 prisões, 461 deportações, 110 feridos e 30 mortos. Considerando a extensa veiculação dos acontecimentos que a imprensa da época deu destaque, foi esse um movimento urbano que conheceu o peso da oposição à campanha de vacinação e dos seus opositores que disseminavam informações falsas sobre os efeitos colaterais da vacinação.

Em que pese ter ocorrido outra epidemia de varíola em 1908, em que dessa vez o povo recorreu intensamente à vacinação, o fato é que a interlocução precária do governo em 1904 com a população, além da veiculação de notícias que aterrorizavam a população como aquelas que diziam que vacina seria capaz de transformar feições humanas em feições bovinas, assustava as pessoas.

Muitas décadas se passaram e os episódios associados ao movimento antivacina nos EUA mais de cem anos depois, já no século XXI, foi capaz de demonstrar o quanto de potencial nocivo têm as informações falsas quando se trata de doenças que podem ser tratadas e quiçá erradicadas com a vacinação, resultado do avanço e apoio à ciência. Certo também que, esse movimento que condena a vacinação é também contrário à ciência e tudo o que ela representa.

Os anos de 2020 e 2021 reviveram com muita intensidade essa recusa à ciência, estimulada por certo, pelo avanço político das extremas-direitas no mundo contrárias à ciência e, por consequência, à vacinação. Dominando uma tecnologia até então pouco conhecida, as extremas-direitas foram agregando adeptos que reproduziram suas notícias falsas que facilmente chegaram a um grande número de pessoas.

Voltando a 1904 verificamos que a população sofria duplamente, pelas doenças em si que matavam ou que deixavam muitas sequelas e também pela repressão ao movimento das pessoas que se revoltaram contra a obrigatoriedade da vacinação. O governo da época não soube ou não quis estabelecer uma interlocução que desse segurança à população sobre o ato de se vacinar. As charges nos jornais intensificavam o medo que as pessoas tinham. Imagens com seringas e agulhas de injeção de tamanhos agigantados, alimentavam o pavor das pessoas. Sobre a repressão a que a população foi submetida podemos ler em Sevcenko que:

(...) um dos aspectos que mais chamam a atenção no contexto da Revolta da Vacina é o caráter particularmente drástico, embora muito significativo, da repressão que ela desencadeou sobre as vastas camadas indigentes da população da cidade. Nos deparamos aqui com um exemplo chocante de crueldade e prepotência, que nos permite, entretanto definir com clareza algumas das coordenadas mais expressivas da história social da Primeira República. Iniciemos esse relato com um registro de Lima Barreto no seu Diário íntimo. “Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central, aí, violentamente, humilhantemente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à Ilha das Cobras, onde eram surradas desapiedadamente. Eis o que foi o Terror do Alves; o do Floriano foi vermelho; o do Prudente, branco, e o Alves, incolor, ou antes, de tronco e bacalhau [chicote].”(Sevcenko, 2010:52)

Esse tratamento dado as pessoas que se revoltavam, traduzido nas mais diversas formas de violência pouco contribuía para os propósitos da vacinação e erradicação das doenças. O aproveitamento

do desconhecimento das pessoas sobre a importância das vacinas ficou latente e as questões sociais vieram à tona com muita força.

A mídia teve e tem certamente um papel de destaque na formação da opinião pública e a forma como as notícias são veiculadas e chegam às pessoas, criam uma adesão ou rejeição à determinadas iniciativas.

Em outro momento da História do Brasil, a população vivenciou uma outra pandemia que marcou profundamente àquela época, refiro-me à gripe espanhola de 1918 que causou muitas mortes e gerou pânico na população e, particularmente nas cidades portuárias que recebiam muitos navios com passageiros que aportavam nelas, já contaminados pela doença. Sobre a gripe espanhola Kind e Cordeiro trazem as seguintes informações:

(...) os primeiros brasileiros contaminados foram integrantes da missão médica brasileira que prestaram assistência aos soldados aliados a bordo do navio La Plata, que, ao atracar em Dacar-Senegal, foram contaminados, o que resultou na morte de 156 pessoas. Em terras brasileiras, a gripe espanhola chegou em setembro a bordo do navio inglês Demerara, que trouxe pessoas infectadas da Europa e atracou nos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. A partir dessas cidades, os deslocamentos de passageiros em navios, trens e barcos fizeram com que a “espanhola” saísse do litoral e se espraiasse por todo o país. (Kind e cordeiro, 2020, pág. 5)

Destacando como a imprensa fazia referência à doença, as autoras ainda destacam que:

(...) numa época em que não existia rádio e nem televisão, o jornal impresso era o principal veículo de comunicação, fórum privilegiado de discussão pública sobre a “espanhola”. Os jornais registravam as cenas do cotidiano alterados pela pandemia, traziam estatísticas sobre os contaminados e mortos, apresentavam o debate da comunidade médica e das diferentes forças políticas. Também veiculavam as prescrições sanitárias governamentais e as práticas adotadas pela população para conter a doença. Apesar da importância da imprensa nesse período, 65% da população era analfabeta e, provavelmente, não tomava conhecimento do debate político sobre a “espanhola” veiculado nos jornais. Outro dado do contexto a ser considerado é que era uma sociedade que tinha abolido

a escravidão muito recentemente e tinha relegado milhares de homens e mulheres negros à própria sorte, sem nenhum amparo econômico, social e político do Estado. (idem)

A imprensa como retratado acima pelas autoras deu amplo destaque à influenza espanhola como era chamada. O debate se fazia em um círculo menor de pessoas que tinham acesso às informações, mas os reflexos daquela pandemia, como a de 2020, atingiu sobretudo a população mais pobre que não teve condições de se proteger. Nessa questão é sempre importante atentar para as questões econômicas que se impõem muito fortemente quando as epidemias e as pandemias atingem as populações, porque serão sempre os mais vulneráveis que estarão, como estiveram, expostos aos contágios e às mortes.

Ainda retornando a questão dos jornais e suas referências à gripe espanhola que começou em 1918 podemos ler na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro que a cidade estava transformada em um vasto hospital onde não haviam médicos, remédios e o povo estava entregue à própria sorte (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 15/10/1918).

Aquele momento da história em que a pandemia de gripe espanhola vitimou muitas pessoas coincidiu com o final da 1ª Guerra Mundial. A volta dos soldados do campo de batalha para seus respectivos países favoreceu o espalhamento do vírus e as contaminações em massa.

Mesmo que a maioria da população fosse àquela época analfabeta e o número de escolas e alunos matriculados fosse muito pequeno em relação ao número de crianças e jovens que poderiam estar matriculados nas escolas, a gripe afetou as atividades escolares, tanto que no final do ano de 1918, o presidente interino Delfim Moreira baixou um decreto que proibia que os alunos tivessem que repetir de ano letivo.

De acordo com dados da época e apontados por pesquisas mais recentes, a gripe espanhola matou cerca de 50 milhões de

peças no mundo, sendo 300 mil no Brasil que tinha à época uma população de 28 milhões de pessoas.

Dois épocas duas realidades diferentes em que a população ficou à mercê de vírus mortais e como referido acima, foram os mais vulneráveis que mais sentiram os reflexos das doenças. Passados mais de cem anos, a pandemia de Covid-19 encontrou um cenário propício, principalmente no Brasil para se espalhar.

O Brasil não esteve envolvido em nenhuma guerra mundial nesse período, mas, o cenário político vivido nos anos de pandemia, foram marcantes, porque o Brasil viveu anos de retrocesso de políticas públicas impulsionado pela negação à ciência e uma campanha contra a vacina. Notícias falsas associadas aos malefícios não comprovados de efeitos colaterais da vacina pulularam na sociedade, gerando um clima de medo e insegurança das pessoas em se vacinarem.

Sobre os efeitos da pandemia no ensino, as dificuldades foram agravadas pela disparidade entre as regiões do país e mesmo dentro dos estados e municípios, porque a tecnologia mesmo disponível para a aplicação em um outro modelo de ensino remoto, não chegou a todos os alunos, aprofundando as desigualdades entre eles.

A pandemia de Covid-19 e o ensino remoto na graduação

Quando começaram as ações com vistas à implementação do ensino remoto durante a pandemia, os desafios que se apresentavam eram inúmeros e mais especificamente na universidade federal que aqui trago como exemplo, era a adoção de determinada plataforma que permitisse as aulas síncronas e as atividades assíncronas, mantendo com os alunos, a necessária interação para que não evadissem dos cursos. Os debates internos notadamente na Universidade Federal do Rio Grande- FURG foram muito acalorados, porque se apresentava a todos, uma situação totalmente nova. Mesmo com expertise em cursos na modalidade de educação à distância, a orientação de que todos os professores e alunos aderissem ao ensino remoto gerou grandes expectativas e incertezas. O

modelo foi então submetido ao Conselho superior da Universidade que votou e aprovou a adesão ao ensino remoto cujas orientações aparecem descritas na Deliberação 23/2020 que reproduzo aqui alguns trechos. São eles:

Art.1º A presente deliberação institui, em caráter temporário e excepcional, Diretrizes Acadêmicas Gerais para o ensino de graduação durante o período emergencial. Parágrafo Único. A reprogramação das atividades acadêmicas será estabelecida em calendário emergencial específico a ser aprovado pelo COEPEA, seguindo as orientações do Plano de Continuidade da FURG.

Art.2º As Diretrizes Acadêmicas Gerais são um conjunto de normas acadêmicas emergenciais que deverão ser atendidas pelas Unidades Acadêmicas, Coordenações de Curso e Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs) de modo a garantir a flexibilização e a qualidade do ensino, respeitando as diversas características de cada unidade acadêmica, cursos, áreas do conhecimento, disciplinas e práticas pedagógicas e tendo como referência o diagnóstico realizado pela universidade.

Esses procedimentos foram discutidos dentro das unidades acadêmicas (que são órgãos da instituição que abarcam os cursos de graduação e de pós-graduação) e, apresentados nos conselhos superiores da instituição. Para que todas as atividades fossem desenvolvidas, uma plataforma que já existia na universidade foi aperfeiçoada. Trata-se da plataforma AVA que significa Ambiente Virtual de Aprendizagem. Como descrito na portaria, os NDEs ou Núcleos Docentes Estruturantes tiveram papel fundamental na reorganização dos cursos de graduação. Certo que os maiores desafios se deram para as formações cujas práticas e vivências de laboratórios tiveram que ser programadas atentando sempre para o necessário distanciamento social para evitar os contágios.

A necessidade do desenvolvimento das atividades de forma remota aparece destacada no artigo 3º da seguinte forma:

§ 1º As atividades de ensino e aprendizagem emergenciais serão realizadas, prioritariamente, no modo não presencial (totalmente on-line).

§ 2º Quando as condições e as autoridades sanitárias permitirem, as atividades poderão ser realizadas no modo híbrido (on-line e presencial) ou ainda, totalmente presencial, desde que preservada a necessidade de distanciamento e/ou redução significativa do número de alunos em sala de aula, de acordo o Plano de Contingência da universidade (idem)

No art. 4º que tratou especificamente da reorganização dos componentes curriculares podemos ler as orientações que foram passadas aos professores, dando destaque para que os planos de ensino das disciplinas esclarecessem ao máximo como as aulas no formato remoto iriam ser desenvolvidas. Ainda podemos ler no documento que:

§ 5º A reformulação de que trata o § 4º deverá atentar para a emergencialidade do período, evitando-se carga de atividades incompatível com a necessidade de adaptação para esta nova realidade.

§ 6º Cada docente, na reelaboração do Plano de Ensino, com foco em tornar o mais acessível possível aos estudantes o andamento do processo de ensino-aprendizagem, poderá programar atividades no modo não presencial (totalmente on-line), híbrido (on-line e presencial) ou ainda totalmente presencial, neste caso com atenção a necessidade de distanciamento e/ou redução significativa do número de alunos em sala de aula, desde que sejam atendidas todas as especificidades e condições impostas pelo Plano de Contingência da universidade e demais normas pertinentes.

§ 7º A adequação dos componentes curriculares aos formatos pedagógicos, sua nova programação de atividades didático-pedagógicas, ferramentas, metodologias, procedimentos para avaliações devem constar no plano de ensino de cada disciplina e turma.

§ 8º Os novos planos de ensino, elaborados pelos docentes, deverão ser validados pelo NDE e Coordenação de Curso e disponibilizados aos discentes com antecedência ao novo período de ajustes de matrícula (ibidem)

A organização formal assim, procurou dar conta das necessidades que aquele período impôs aos cursos de graduação, focando principalmente na salvaguarda da saúde dos alunos, evitando os contágios pelo vírus. Como a instituição recebe muitos alunos de fora e o município do Rio Grande como grande parte dos municípios brasileiros contava com muitos doentes ou contaminados

assintomáticos, retornar às atividades totalmente presenciais significava um risco muito alto. Somava-se a tudo isso o número insuficiente de leitos nos hospitais da cidade. Sendo assim, os professores avançaram então para o ensino remoto com aulas síncronas e atividades assíncronas, certamente com muitas dúvidas sobre o resultado que adviria de tudo aquilo.

A História, a Literatura e o ensino remoto: um relato de experiência

Destaco a partir desse tópico as aulas no formato remoto de uma disciplina chamada História e Literatura e, como foi possível trabalhar com uma turma de 24 alunos e algumas das obras literárias que eles apresentaram. A disciplina de História e Literatura nos cursos de História da FURG pretende reconhecer os diálogos possíveis entre esses dois campos do conhecimento, o quanto a Literatura fornece elementos à História para reconhecer os imaginários de uma época, através de narrativas e personagens que mesmo que não tenham existido verdadeiramente, existiram enquanto possibilidade e por outro lado, o quanto a História se aproxima da Literatura através das narrativas literárias. Sobre essas interfaces possíveis entre a Literatura e a História, Borges assim escreve:

(...) a literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. (Borges, 2010, pág.98)

Por ser uma disciplina eletiva dentro dos cursos de História (Licenciatura e Bacharelado), os alunos escolheram cursá-la, o que proporcionou a aproximação deles tanto com historiadores

que trabalham esse tema, historiadores esses ligados à vertente da Nova História Cultural, quanto com teóricos da Literatura que reconhecem a História também como narrativa de um passado que não pode ser reconstruído exatamente como foi.

Isso tudo que, à primeira vista parecia ser um grande desafio, ou seja, trabalhar novos conceitos dentro do universo dos historiadores pouco familiarizados com as várias possibilidades de dialogar com a Literatura e enxergar a obra literária enquanto documento que reflete uma época, um conjunto de valores, resultou em reconhecimento das interfaces entre a História e a Literatura. Sobre essas interfaces, Borges continua refletindo que:

(...) sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular (idem págs 98-99)

A disciplina foi dividida em duas partes, uma expositiva a respeito de autores tanto historiadores quanto teóricos da Literatura que se debruçam sobre essas interfaces e uma segunda parte em que os alunos escolhiam e apresentavam obras literárias para os demais colegas, todas e todos remotamente conectados. Ainda reforçando essa possibilidade de diálogo entre a História e a Literatura ou da Literatura e da História, trago aqui uma reflexão da historiadora Sandra Pesavento que diz o seguinte:

(...) História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música... literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam.

Em outro momento do texto, a autora reitera que a diferença fundamental entre os historiadores e os literatos ou aqueles que escrevem textos literários é que os historiadores tem necessariamente que referenciar a sua narrativa, demonstrando de onde tiraram as informações, quais fontes foram utilizadas e onde elas estão disponíveis, para que todo aquele que queira percorrer o mesmo caminho, as encontre. Em outro trecho, Pesavento ainda esclarece:

(...) o segredo semântico de aproximação dos discursos se encerra neste tempo verbal: “teria acontecido”. O historiador se aproxima do real passado, recuperando com o seu texto que recolhe, cruza e compõe, evidências e provas, na busca da verdade *daquilo que foi um dia*. Mas sua tarefa é sempre a de representação daquela temporalidade passada. Ele também constrói uma possibilidade de acontecimentos, num tempo onde não esteve presente e que ele reconfigura pela narrativa. Nesta medida, a narrativa histórica mobiliza os recursos da imaginação, dando a ver e ler uma realidade passada que só pode chegar até o leitor pelo esforço do pensamento (Pesavento, 2006)

Partindo dessas premissas, construímos uma proposta para a disciplina de História e Literatura que aproximasse os dois campos do conhecimento, trazendo historiadores que se inserem nessa linha de investigação chamada de Nova História Cultural, isso porque essa vertente reconhece a necessidade de dialogar profundamente com outros campos do conhecimento, não vindo esses campos apenas, como apêndices da História, mas reconhecer que os literatos, principalmente aqueles que viveram as épocas históricas que retratam nas suas obras, são testemunhas privilegiados

dos acontecimentos e, os personagens que criam podem ser lidos e interpretados como sujeitos históricos que poderiam ter existido.

Mesmo aquelas obras que criam universos fantásticos, dizem muito de um período histórico, porque seus autores estão inseridos em um contexto, portanto reverberam uma época, seus valores, seu movimento, enfim sua existência.

Avançamos no ano de 2021, descortinado junto com os alunos, o universo apaixonante da Literatura com a apresentação das obras literárias. A leitura dessas obras serviu como uma imersão também para que se pudesse sobreviver diante daquele caos imposto pela pandemia.

As obras literárias e os diálogos com a História

Ao longo do primeiro semestre de 2021, parte da disciplina foi dedicada à apresentação das obras, ao todo 28 obras que os alunos individualmente, em duplas ou em grupos de até 4 componentes, puderam lançar sobre a obra, entendida como documento histórico, seus olhares de historiadores para reconhecer identidades históricas da época e dos personagens, subjetividades explícitas e/ou implícitas nas narrativas, além de nuances do imaginário que foram trazidas ao primeiro plano.

Foram percorridas obras da literatura brasileira e estrangeira que abarcou, romances, contos e poesias e autores como: Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), Machado de Assis (*O Alienista* e *Dom Casmurro*), Lima Barreto (*O Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos anjos*), Aluísio de Azevedo (*O cortiço* e *Casa de pensão*), José de Alencar (*Senhora*), Carolina Maria de Jesus (*Quarto de Despejo*), Jorge Amado (*Gabriela e Capitães de Areia*), Rubem Fonseca (*O Cobrador* e *Pierrô da Caverna*), Castro Alves (*Espumas Flutuantes*), Rachel de Queiroz (*O Quinze*), Miguel de Cervantes (*D. Quixote*), Mary Shelley (*Frankenstein*) e Ray Bradbury (*Fahrenheit 451*).

A experiência vivida com essa disciplina também proporcionou que os alunos pudessem ter contato com autores menos conhecidos para eles e suas obras, abrindo uma interlocução também

com histórias que retratam épocas que informam sobre elementos da própria História que os documentos oficiais não apresentam. Trouxemos, para discussão na sala de aula virtual, os seguintes autores e obras: Apolinário Porto Alegre (*O Vaqueano*), Luiza Romão (*Sangria*), Antônio Antunes Lobo (*Os cus de Judas*), Jane Austen (*Orgulho e preconceito*), e Eduardo Spohr (*A Batalha do Apocalipse*).

As obras acima elencadas são exemplificadoras da riqueza das várias narrativas literárias que puderam ser apresentadas e problematizadas pelos alunos. O período pandêmico promoveu um novo formato de sala de aula e de interação que foi absolutamente diferente de tudo aquilo que estávamos acostumados a fazer enquanto professores e alunos.

Aquilo que parecia uma grande e intransponível desafio que era o ensino remoto com todas as facilidades e/ou dificuldades que a tecnologia pode proporcionar diante de um cenário de difícil acesso, mesmo para estudantes universitários, colocou para todos os envolvidos a oportunidade da escuta de narrativas literárias que eram desconhecidas para muitos ou que os fez revisitarem obras que a cada nova leitura, é uma outra leitura. Não deixou de ser também um processo terapêutico, a imersão nas obras literárias, porque afastou um pouco os olhares e ouvidos da quantidade imensa de notícias da pandemia e de doentes e mortos pela tragédia que se abateu sobre o mundo.

Diante daquele cenário no qual o Brasil esteve submerso com a negativa da ciência veiculada por muitos que a deveriam defender, uma das obras apresentadas foi a narrativa de *Fahrenheit 451* e que o autor conta a história de um bombeiro, Guy Montag, que tinha a função de atear fogo em livros considerados “perigosos”. Na sinopse da obra podemos identificar que o livro foi escrito após o término da II Guerra Mundial. Ao final, o bombeiro Montag começa a questionar seu trabalho e o mundo opressivo em que vive, voltando-se assim, contra o sistema. O texto condena a opressão intelectual nazista e seus ataques à cultura e aos livros. Destaco aqui essa obra e o contexto político no Brasil em 2021 em que ataques

sistemáticos partindo da cúpula do poder eram direcionados às ciências, às universidades e aos intelectuais.

Por ser um romance distópico, o autor apresenta elementos que remetem à crueza da sociedade que caminha para o caos. Elementos como a própria censura, autoritarismo e liberdade ou a falta de liberdade de expressão, além do papel exercido pela tecnologia na sociedade moderna, tornam a obra uma referência para compreender um pouco o imaginário da década de 1950 e do pós-guerra.

O exemplo acima que trouxe aqui como as demais obras, foram problematizados e as clássicas perguntas a que os alunos teriam que responder nas suas apresentações que eram: *quem escreveu a obra? Que época histórica está retratando? O que a narrativa descreve?* foram indicadores do quanto a Literatura e a História convergem, porque quando as lacunas dos documentos históricos impõem dificuldades para o entendimento de uma época, a Literatura nos traz novos e instigadores elementos que fazem emergir novos temas de investigação.

Assim procedemos e os resultados daquela experiência de ensino remoto durante a pandemia tão desafiadora que foi de início, reverberou novas ideias para a continuidade desse encontro tão prazeroso entre a Literatura e a História.

Considerações Finais

No artigo acima procurei destacar como foi possível o desenvolvimento das aulas de graduação e mais especificamente da disciplina História e Literatura durante o período pandêmico. Apresentei exemplos de pandemia e de epidemias de outros tempos e os impactos que ocasionaram sobre as pessoas.

Mesmo em se tratando de períodos históricos distantes uns dos outros, os efeitos das pandemias ou epidemias permanecem por muito tempo, diretamente sobre os corpos das pessoas ou no imaginário que remete a lembranças que as pessoas querem esquecer. Nos anos de 2020 e 2021, vivemos no Brasil o auge da Covid-19 em que, para além do convívio com infectados e doentes, os brasileiros foram envoltos na disseminação das notícias falsas que

serviam para acirrar o pânico nas pessoas e estimulá-las a não se vacinarem. À exemplo do que aconteceu em 1904 e 1918, em 2020 e 2021 as informações desinformavam, as vezes por desconhecimento e outras vezes por má-fé.

Destaquei ainda como o ensino remoto na graduação foi implementado na FURG e, como especificamente ocorreram as aulas online da disciplina de História e Literatura em que os alunos puderam apresentar para os colegas, obras literárias, percebendo nelas, contextos históricos e narrativas de várias épocas tanto do Brasil quanto de outros países.

Assim, aqueles dois anos de maior intensidade da pandemia de Covid-19 foram desafiadores para todos nós, professores e alunos que caminhamos por vezes inseguros sobre aquilo que estávamos fazendo, mas precisávamos seguir em frente e foi o que fizemos.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2009

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

BORGES, Valdeci. **História e Literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro : Ouro sobre azul, 2010

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história** : conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre : Artmed, 2001. –

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GINZBURG, Carlo **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição** . São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

KIND, Luciana & CORDEIRO, Rosineide. **Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no Brasil**. Revista Psicologia e Sociedade. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>.

LAJOLO, Marisa. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PESAVENTO, Sandra. **História e Literatura: uma velha-nova história** in <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983.

Deliberação 23/2020 disponível em <https://conselhos.furg.br/arquivos/coepea-deliberacoes-pleno/2020/02320.pdf>